

O USO DA HISTÓRIA ORAL: A HISTÓRIA PRODUZIDA NA POSTERIORIDADE

Amanda Dutra Hot¹, Germano Moreira Campos², Juliana Souza Martins Soares³, Leonardo de Carvalho Alves³, Leonardo Souza Correa³.

¹ Graduada e Mestre em História pela Universidade Federal de Ouro Preto, Professora da Faculdade de Ciências Gerenciais de Manhuaçu.

² Graduado e Mestre em História pela Universidade Federal de Ouro Preto, Coordenador do curso de História da Faculdade de Ciências Gerenciais de Manhuaçu.

³ Graduando em História na Faculdade de Ciências Gerenciais de Manhuaçu.

RESUMO

Este trabalho explicará os usos e os problemas da História Oral (H.O), uma nova metodologia da história surgida no século XX, mais precisamente em 1950, a partir do surgimento do gravador. Tal método baseia-se na realização de entrevistas direcionadas pelo historiador às testemunhas que vivenciaram, mesmo como simples espectadores, determinado evento, o que faz da H.O uma metodologia restrita ao período contemporâneo e que trabalha com o “conhecimento da posterioridade”, ou seja, com informações obtidas após a ocorrência do evento, não deixando, por isso, no entanto, de ter suas utilidades, afinal de contas os relatos das testemunhas servem e muito para ajudar aos historiadores a preencherem as lacunas existentes na historiografia.

Palavras-chave: Historia Oral; Testemunhas; Fontes orais.

ABSTRACT

This paper will explain the uses and problems of Oral History (HO), a new methodology of history emerged in the twentieth century, more precisely in 1950, from the emergence of the recorder. This method is based on performing directed by historian witnesses who experienced even as mere spectators, particular event, what makes the HO a restricted period to contemporary methodology and working with the "knowledge of posterity" interviews, or is, with information obtained after the occurrence of the event, not leaving, so, however, without its uses, after all the reports of witnesses and serve much to help historians to fill the gaps in the historiography.

Keywords: Oral History; Witnesses; Oral sources.

1. INTRODUÇÃO

Aparentemente é tarefa simples lembrar-nos de um acontecimento imediato, recente, que por algum motivo encontrou espaço em nossa mente conturbada por situações cotidianas as mais diversas. Agora trazer esse relato para a ciência histórica exige tanto rigor, disciplina e higiene mental, que nem todos os pesquisadores são capazes de realizar com maestria e clareza.

Com o advento da metodologia da História Oral, a partir de meados do século XX, o número de fontes dispostas ao trabalho historiográfico se tornou maior, mais atrativo e diverso para os historiadores e gerou a possibilidade de se apropriar de fontes constituídas a partir de relatos conseguidos através da técnica da entrevista.

Leopold Von Ranke, metódico escritor da Escola Alemã dizia que “depois de uma crítica severa às fontes é possível

remontar a história como ela realmente aconteceu no passado" (BLOCH, 2002). Se hoje somos produto do passado e vivemos as situações e influências do tempo presente, como podemos afirmar a veracidade dos acontecimentos que relatamos? Será que eles realmente são dignos de confiança, ou estamos contaminados pela nossa forma de ver as coisas? A testemunha ocular de um fato é realmente a melhor pessoa para relatar-lo? Nesta discussão complexa entendemos que as lembranças e os esquecimentos são próprios de nossa visão de mundo e que a memória é pública, coletiva, que condiz com um acontecimento vivenciado por muitos ao mesmo tempo.

A esse respeito, vejamos as muitas manifestações que pararam o Brasil em junho de 2013, levando em conta nossa presença neste tempo. Se formos analisar os acontecimentos no momento em que aconteceram, lançaremos uma visão superficial e rasa, pois não vimos a repercussão nos anos seguintes. O desenrolar da história é um tempo de longa duração, enquanto a vida humana é de curta duração.

Faz sentido imaginar o acontecimento (fato histórico) como uma nuvem de poeira que, de início, está alta e densa demais para podermos aferir qualquer opinião a respeito do que ela encobre e de onde ela vem. Quantas culturas já passaram por esta ocasião triste, quando foram engolidas pelo capitalismo e descaracterizadas pela modernidade, sem tomarmos nenhuma nota sobre sua existência?

Nos dizeres de Marc Bloch

[...] O que é, com efeito, o presente? No infinito da duração, um ponto minúsculo e que foge incessantemente; um instante que mal nasce e morre. Mal falei, mal agi e minhas palavras e meus atos naufragaram no reino de Memória. São palavras, ao mesmo tempo banais e profundas, do jovem Goethe: não existe presente, apenas um devir [...] (BLOCH, 2002, p. 60).

Fica conturbado em nossa mente quando começa efetivamente o tempo presente e onde ele termina, e essa questão ganha forças quando relacionamos a história, em que, para Marc Bloch, "o presente quer dizer passado recente" (2002, p. 75). De acordo com a autora Marieta de Moraes Ferreira (2000), a história do tempo recente foi muito utilizada pelos historiadores da Antiguidade Clássica, como Heródoto e Tucídides, que se valiam de testemunhos diretos para produzir a história da forma deles.

Na visão geral das pessoas, a História dedica-se a estudar somente o passado, coisas que estão distantes da nossa realidade temporal atual. Devemos desconstruir essa ideia e mudar a visão de tempo de que em história apenas se estuda e passado, pois, como sabemos, temos pontes para o ligarmos ao presente, além do que, um, só consegue ser compreendido devido à existência do outro. A partir do presente, o historiador direciona perguntas ao passado, quase que se transportando para lá. Da mesma forma, é o estudo do passado que torna o presente comprehensível, e nos faz pensar que "toda história é contemporânea" (BLOCH, 2002, p. 83).

O historiador do tempo presente estuda os seus contemporâneos, por isso se cria certa inveja por parte dos historiadores de fatos consumados, que às vezes se veem diante de um enclave sobre fontes históricas, que muitas vezes são escassas. Já o historiador modernista (contemporâneo) trabalha com um aparato de fontes de todos os tipos, muitas das vezes sendo essa fonte de carne e osso, por causa da proximidade dos fatos históricos. Além disso, pelo fato desse pouco distanciamento entre o historiador modernista e seu objeto de estudo, o pesquisador consegue se aproximar mais dos sentimentos vividos, de seus atores históricos, e, por isso, a história desses fatos escolhidos por ele lhe é mais familiar e de tratamento mais dócil.

Fazer história como conhecimento e como vivência é recuperar a ação dos diferentes grupos que nela atuam, procurando entender por que o processo

tomou um dado rumo e não outro. Percebendo que um indivíduo tem um conjunto diferente de relacionamentos que determina suas reações à estrutura normativa e suas escolhas com respeito a ela. Ao passar da história das estruturas e das conjunturas para a das representações e das práticas (e mais particularmente das práticas sem discurso e das representações mais comuns), a história moderna multiplicou as questões para as quais, em último caso, não existe resposta possível nas fontes disponíveis (FERREIRA, 2000, p. 215).

Nessa perspectiva, novos objetos de pesquisa, tiveram de buscar novos tipos de fontes para suplementar os documentos oficiais. Assim, a história oral torna-se ponto de intercâmbio entre a história e as demais ciências sociais, a partir dos retalhos de experiências que dão acesso a lógicas sociais e simbólicas, que são as lógicas do grupo, ou de conjuntos maiores da sociedade. Finalmente, pode-se dizer que a interdisciplinaridade tão buscada pelos *Annales*, desde a década de 1930, foi alcançada!

2. A HISTÓRIA ORAL E SUAS QUESTÕES

Segundo Jean-Jacques Becker (FERREIRA; AMADO, 1998), a fonte escrita é, sem dúvidas, a “fonte por excelência da história” (p. 67). Isso, pois tem caráter objetivo e até pouco tempo atrás era o que a história considerava como sendo o tipo de informações “dignas de credibilidade”, ou seja, relatos confiáveis dos fatos, que, por sua vez, eram escritos sob um único ponto de vista: o das elites dominantes.

Por volta de 1950, entretanto, surge a História Oral, com o intuito de ampliar os dados históricos e descobrir informações ocultas por de trás dos fatos. Essa nova metodologia, possível devido à criação do gravador, consiste na realização de entrevistas gravadas com pessoas que testemunharam determinado fato histórico, permitindo aos historiadores obter maiores informações sob a realidade em que tal evento se passou, bem como o

modo como as pessoas viviam, viram e interpretaram os fatos ocorridos. Por ser bastante prática e necessitar, basicamente, de testemunhas e de uma câmara de vídeo ou gravador essa metodologia tornou-se bastante popular nos Estados Unidos, México e na Europa, aproximando a história de outras ciências, tal como a Antropologia e a Sociologia, permitindo, assim, a comunicação entre esses campos de estudos. Sem falar na visão mais abrangente da história, que passou a buscar informações não apenas na história política dos “grandes homens”, mas a partir de toda a sociedade, não importando mais o estrato social dos indivíduos, e sim as lembranças que possuíam dos eventos históricos que vivenciaram.

Após o surgimento da História Oral (H.O), a grande questão a respeito dessa metodologia, na concepção de Becker, passou a ser encontrar uma maneira de trabalhar com a H.O¹ sem abandonar a objetividade da historiografia, o que é não apenas possível, mas aconselhável de se fazer, uma vez que, como já disse Marc Bloch, “as emoções e a atenção que cada indivíduo dá aos fatos tornam tanto as lembranças quanto as fontes escritas indignas de total credibilidade por parte do historiador, afinal de contas não se sabe ao certo as intenções de cada pessoa” (2002, p. 87). Isso mesmo, nem o mais afamado documento oficial escrito pelo mais erudito dos homens é tido como o relato verídico e inquestionável do fato que relata, já que “com tinta, qualquer um pode escrever qualquer coisa” (BLOCH, 2002, p. 89).

Logo, visto o que fora dito anteriormente, pode-se dizer que o melhor modo de aproveitar tanto as informações obtidas do uso da H.O. quanto das fontes escritas é trabalhar comparando os dados oriundos de ambas, sendo, ainda de acordo com Bloch (2002), o que há de comum entre esses dados o que mais se aproxima da verdade sobre o fato e as informações, se muito divergentes, é sinal claro de equívocos ou mentiras. Em outras palavras, o material escrito serve,

¹ H.O. = História Oral

de certo modo, para confirmação de dados vindos dos testemunhos, e vice-versa. Sem falar, é claro, que a História Oral, se trabalhada com certas cautelas, pode preencher muitas lacunas existentes nos relatos oficiais das fontes escritas. O grande problema de se trabalhar com a H.O. é, porém, o fato de ela ser restrita a eventos contemporâneos, ou seja, ocorridos em um passado próximo, uma vez que os relatos de testemunhas obtidos por meio de entrevistas é a metodologia utilizada por esse novo método de se escrever a história, sendo necessário, portanto, que tais testemunhas estejam vivas e aptas a exporem suas lembranças.

Essa necessidade de proximidade do presente que a história oral possui, no entanto, oferece também certas vantagens, tais como: o uso de uma vasta quantidade de fontes ao dispor do historiador; o surgimento constante de novas técnicas e tecnologias úteis à história, como por exemplo, o gravador e as câmeras de vídeo usadas para registrar os testemunhos, e, é claro, a posse de um campo de estudo bastante amplo, não mais restrito a história política e objetiva. Vantagens essas que Danièle Voldman (*op.cit.* FERREIRA; AMADO, 1998) afirma causarem bastante inveja em muitos especialistas em períodos longínquos.

A História Oral tem ainda uma vantagem sobre a história escrita, um “*handicap*” como ele prefere chamar, que, por sua vez, se resume ao fato de poder ser feita pelo historiador através de um conhecimento prévio do evento. Ao contrário da historiografia escrita que é excessivamente objetiva, pronta, cheia de lacunas e, muitas vezes, não escrita para História ou por historiadores. Saberes prévios são importantes para que o historiador saiba dirigir bem suas entrevistas e reconhecer certas inverdades narradas pelas testemunhas.

Outra elaboração pertinente à utilização de entrevistas é postulada por Becker (1996), ao considerar que a história oral não constitui uma categoria particular

de fontes, mas está incluída em “arquivos provocados”, no dizer de Jacques Ozouf (apud Becker, 1996). Esses “arquivos provocados” podem ter a forma escrita ou oral, indiferentemente. A postura de que a forma oral conduz a uma espontaneidade maior que a escrita não se sustenta, uma vez que, geralmente, as pessoas interrogadas em uma pesquisa oral ao menos refletiram acerca do que iam dizer, exceto quando as entrevistas são realizadas de improviso. Becker (1996) conclui assim que os “arquivos provocados” pertencem à mesma categoria das recordações, porém estes são responsáveis por reconstituir o passado de uma forma que pretende ser mais fidedigna, apesar de, bem como as memórias, ser alterado com o tempo e modificado em função de ideais posteriormente formados e atitudes posteriormente adotadas (FUCCI AMATO, 2006, p. 2350-2351).

O termo “arquivo provocado”, descrito acima é utilizado para denominar a categoria de fontes na qual se encontra, segundo Jean-Jacques Becker, a história oral. Esse termo tem, basicamente, sentido idêntico ao utilizado por Cynthia Pereira de Sousa em “História da educação: processos, práticas e saberes” (1998), que definiu tal expressão, utilizando-se das ideias de Alberti, como a produção intencional de documentos históricos. Produção essa que, para Becker, ocorre posteriormente à ocorrência do evento, influenciando, mesmo que involuntariamente, o modo de se entender o desenvolvimento dos fatos, uma vez que pode resgatar lembranças equivocadas e até forjadas para justificar certos acontecimentos, oferecendo, portanto, riscos à construção da história e de sua busca incessante pela verdade. Um “*handicap do a posteriori*” como o próprio Becker preferiu chamar a esse

conhecimento produzido após a ocorrência do evento histórico.

Entretanto, deve-se deixar claro que mesmo com esses inconvenientes apresentados por Becker no trecho acima os historiadores não descartam as utilidades da História Oral e outros tipos de fontes inseridas na categoria dos “arquivos provocados”, afinal de contas ela consegue com eficiência produzir novas informações e ainda, nas palavras de Becker, “dar voz aos esquecidos da história” (FERREIRA; AMADO, 1998), que mesmo sem dispor de tempo, habilidade ou vontade de escrever seus relatos podem, agora, se expressar.

Já, quanto às dificuldades de se trabalhar com a História Oral, Becker destaca o caráter individual dessa metodologia e a dificuldade de se corrigir a opinião das testemunhas por conta dos sentimentos que cada uma delas possuiu a respeito de um mesmo evento. Para Jean-Jacques Becker a H.O. trabalha com as lembranças individuais de cada testemunha e por isso produz muitas informações que podem ou não divergir umas das outras, ao contrário da historiografia escrita que tem caráter coletivo. Esse caráter individual da H.O. causa, ainda, muitas divergências de informações devido ao sentimento e à atenção que cada pessoa tem a respeito de um fato, assim como explicara Marc Bloch em *Apologia da História ou O Ofício de Historiador*. Fato que, segundo Becker, impossibilita ou pelo menos dificulta a retificação da visão que uma pessoa tem sobre o fato presenciado. Por exemplo, uma testemunha da Segunda Guerra Mundial que descende de judeus mortos durante o holocausto, com certeza produzirá relatos negativos a respeito dos nazistas devido ao sofrimento que lhe foi causado, sendo difícil para o historiador ou qualquer outra pessoa mudar a percepção desse episódio formada em sua mentalidade.

De acordo com Voldman é necessário, ainda, para maior compreensão do uso da história oral, entender conceitos tais como: arquivos orais, fontes orais e, por fim, o próprio conceito de história oral. Para ela,

arquivos orais são documentos sonoros gravados por um pesquisador, arquivista, historiador, etnólogo ou sociólogo, geralmente a respeito de um assunto preciso e destinado, desde o inicio, a arquivos, onde são preservados para os futuros estudiosos. Fontes orais, apesar da semelhança com o termo anterior, não tem o mesmo significado, já que se refere ao “material recolhido por um historiador para as necessidades de sua pesquisa, em função de suas hipóteses e do tipo de informações que lhe pareça necessário possuir” (AMADO; FERREIRA, 1998, p. 36). Em outras palavras, o arquivo oral é um “documento sonoro” preservado que se transformará, ou não, em fonte oral ao ser trabalhada por um pesquisador que busca por informações relacionadas ao seu conteúdo. Já o conceito de história oral é definido, em breves palavras por Voldman (AMADO; FERREIRA, 1998) como a história do presente feita com testemunhas intimadas pelo historiador a fornecer as informações de que ele necessita. Levando o estudioso da história a assumir, para isso, o papel de inquisidor, ou seja, daquele que, com desconfiança e cautela, busca, nos depoimentos, conhecimentos que o levem à verdade.

As testemunhas, por sua vez, se dividem em dois principais grupos: o das “grandes” e “pequenas” testemunhas, sendo o primeiro grupo o que engloba aqueles que sentem ter participado da história ao se envolver em certo evento importante para o curso que levara o presente em que vive, tendo, portanto, muito a dizer, e o segundo o dos que se sentem como os excluídos ou simples espectadores do evento incapazes de contar algo importante e esclarecedor. Cientes disso e utilizando-se da interdisciplinaridade para enriquecer a história, o historiador deve saber trabalhar com ambos os tipos de testemunha agindo como sociólogo e psicólogo ao mesmo tempo, fazendo uso da sociologia para que, com seus conhecimentos, possa formular um bom questionário, guiar bem a entrevista e formular uma boa pesquisa, e da psicologia para interpretar detalhes ocultos nos testemunhos como,

por exemplo, certos sentimentos ou até mesmo o silêncio, que, ao contrário do que muitos pensam, pode ser bastante esclarecedor.

3. CONCLUSÃO

Na história oral, o objeto de estudo do historiador é recuperado e recriado por intermédio da memória dos informantes, acarretando desdobramentos teóricos e metodológicos importantes para a análise. Dessa forma, a história oral não somente suscita novos objetos e uma nova documentação, como também estabelece uma relação original entre o historiador e os sujeitos da história, uma relação de confiança e proximidade, quase que de afeto.

A história do tempo presente vem de uma longa e fantástica tradição desde os tempos da História Antiga até os dias de hoje. Nesse contexto sobre presente e passado, fica explícita a ideia criada pela escola dos *Annales* que, para compreender o presente, temos que voltar o passado de desvendá-lo.

A verdade na história se torna um campo minado, pois o historiador tem o dever de ir à busca da verdade, de uma verdade que se localiza no passado, sem a certeza de estar certo ou não, porque – no campo historiográfico – a verdade jamais será dominada por completo. Para que o historiador possa se aproximar da verdade é necessário que ele vá atrás dos seus vestígios documentais.

4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BLOCH, Marc. "A Crítica". In: **Apologia da História ou O Ofício de Historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 2002.

FERREIRA, M. M.; AMADO, J. (Org.). **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.

FERREIRA, Marieta de Moraes. "História do tempo presente: desafios". **Cultura Vozes**, Petrópolis, v.94, nº 3, p.111-124, maio/jun., 2000. http://www.histedbr.fae.unicamp.br/acer_histedbr/seminario/seminario8/_files/1AiDM

DiA.doc Acessado em 14 de março de 2014.

FUCCI AMATO, R. C. "Reflexões sobre a escrita da história de instituições educativo-musicais". In: **Congresso Iuso-brasileiro de história da educação (COLUBHE 06)**, 6., 2006, Uberlândia. Anais - Percursos e Desafios da Pesquisa e do Ensino de História da Educação. Uberlândia: ANPED/ SPHE/ SBHE/ UFU, 2006. p. 2343-2355.

OLIVEIRA, Luísa Tiago de. "A história oral em Portugal". In: **Sociologia, Problemas e Práticas [online]**. 2010, n.63, pp. 139-156. ISSN 0873-6529.

SOUZA, Cynthia Pereira de. "Fragmentos de histórias de vida e de formação de professoras paulistas". In: SOUZA, Cynthia Pereira de. **História da Educação: processos, práticas e saberes**. 3^a Ed. São Paulo, Escrituras Editora, 2003.